



Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica

ISSN: 1516-1498

ISSN: 1809-4414

Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica do
Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de
Janeiro - UFRJ

Westphal, Laure; Hoffmann, Christian
AUTORIZAR-SE À SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA

Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, vol. XXIII,
núm. 3, 2020, Setembro-Dezembro, pp. 66-71

Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica do Instituto
de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

DOI: 10.1590/1809-44142020003001

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=376565652008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UFRJ redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

AUTORIZAR-SE À SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA

LAURE WESTPHAL ; CHRISTIAN HOFFMANN 

Laure Westphal ^{1,2}

¹Université de Paris, Paris Diderot, Professora do Instituto Humanidades, Ciências e Sociedades, Diploma Universitário: Proteção da infância, Paris, França.

²Institut d'Études Politiques de Paris, Professora do Centro de Desradicalização, Clínica e Política da radicalização, Paris, França.

Christian Hoffmann ³

³Espace Analytique, Psicanalista, Paris, França.

RESUMO: A inscrição do significante do Nome-do-Pai subordina a sexualidade infantil à função fálica. Ela permite ao sujeito inscrever-se em uma relação gerida pelo gozo e optar por uma identificação sexuada. Ora, a sexualidade genital na adolescência pode, ao contrário, reatualizar a forclusão do nome e do falo, cujo manejo é necessário ao engajamento do corpo na relação com o outro. A clínica nos ensina que o sujeito pode se autorizar alguns artifícios como a religião ou a prostituição, isto é, um saber fazer, que lhe permite prescindir-se do pai à condição de se servir dele. Por vezes, também, a fobia como forma de questionar o nome é capaz de ser superada.

Palavras-chave: adolescência; gozo; Nome-do-Pai; sexualidade.

Abstract: Entering sexuality in teenage years. Inscription of the significant feature of the Name-of-the-Father subordinates infantile sexuality to the phallic function. It allows the subject to develop a gendered relationship to enjoyment and to opt for a sexual identification. On the contrary, genital sexuality in adolescence can update the foreclosure of the name and phallus whose utilization is necessary for the engagement of the body in the relationship with the partner. Clinical practice teaches us that the subject can authorize himself artifices like religion or prostitution, that is to say some know-how to proceed without the father while using it. Sometimes, too, the phobia of name testing is capable of being overcome.

Keywords: adolescence; enjoyment; Name of the Father; sexuality.

DOI - <http://dx.doi.org/10.1590/1809-44142020003001>

Todo o conteúdo deste periódico, exceto onde estiver identificado, está licenciado sob uma licença Creative Commons (cc by 4.0)

INTRODUÇÃO

A construção subjetiva da criança é marcada pela delimitação de instâncias psíquicas como o Eu ideal e o Ideal do eu, cuja tensão assegura a presença de um outro entre o corpo imaginário e o corpo simbólico. Esta dialética é colocada à prova pela sexualidade genital: “O corpo produzido pelo estádio do espelho é um corpo fora-do-sexo, enquanto que o corpo associado ao ideal-do-eu, orientado pelo Édipo, é um corpo sexuado” (RASSIAL, 1999, p. 91).

Não seria a atualização de uma distância entre a genitalidade e a imagem infantil do corpo que, na adolescência, torna o gozo ameaçador? Quais são os artifícios utilizados até aqui pelo sujeito para servir-se do pai ao mesmo tempo em que prescinde dele?

A evolução do pensamento de J. Lacan em relação ao pai elucida como o recurso à religião ou à prostituição serve para realizar uma suplência do Nome-do-Pai e se opor ao *empuxo-à-mulher*. Da mesma forma, há momentos em que a fobia como questionamento do nome pode ser superada.

1. A FORCLUSÃO DO NOME

O sintoma mais importante de F. Kafka era sua relação impossível com o corpo das mulheres que ele amou (HOFFMANN, 2008). Ele preferia inundá-las com suas cartas (KAFKA, 1952), ao longo das quais o corpo se dissolvia. Também é conhecida sua rara tendência para namorar prostitutas. De onde vem esta aparente contradição?

A famosa *Carta ao pai* (1953) de F. Kafka encontrou como destinatário apenas sua mãe e Milena. Entretanto, foi seu pai quem ele reprovou por não suportar a presença do feminino em seu nome: “Compara-nos um com o outro: eu, para expressá-lo de maneira bem atrevida, um Löwy com um certo fundo de kafkiano, mas que por certo não é acionado pela vontade de viver, de fazer negócios e de conquistar kafkianas, mas por um agulhão löwyano, que atua de maneira mais secreta, mais tímida, em outra direção e muitas vezes inclusive cessa de todo” (KAFKA, 1953, p. 13).

A validação do Nome-do-Pai não é necessária ao sujeito na relação sexual? Ela não seria até mesmo explicitamente solicitada por uma mulher quando ela demanda, ainda hoje, a seu amado de acrescentar seu nome ao dela?

Sabemos que, antes da metáfora paterna, o desejo é primeiramente o desejo do Outro e que esta confusão faz com que o sujeito receie perder-se no gozo. O sujeito vive como sendo o falo do Outro e só pode se extrair desta completude imaginária quando o Outro o nomeia e o permite se referir a alguma coisa que seja exterior ao espelho.

Desde então, uma falta estrutura a imagem e cria não somente a autonomia, mas o uso do falo. Antes de se privar dele, a criança o atribui ao pai imaginário. Segundo J. Lacan (1958), o assassinato do Pai implica na contração de uma dívida que liga o sujeito à Lei. O nome do Pai morto ou simbólico detém, a partir de então, a função de totem. Ele transmite a interdição do incesto e alivia o sujeito de um peso de gozo, o que deixa espaço para o desejo. Em resumo, o sujeito se serve do nome como ele se serve do falo, isto é, ele se refere ao significante da falta de gozo independente de qual seja seu sexo.

A forclusão do nome em F. Kafka o impede de associar o amor à sexualidade até praticamente o fim de sua vida. Este “filho deserdado” (KAFKA, 1953, p. 72) duvida do que lhe parecia ser o mais próximo: seu próprio corpo. A despersonalização é correlativa de uma culpabilização em relação ao pai “despótico” que o oprime muito mais do que o estimula: “A vergonha que você me infligia não era nada para você em comparação da que eu teria infligido ao teu nome, me casando” (KAFKA, 1953, p. 86). Para F. Kafka, seria preciso que a significação do falo tivesse sido antecipadamente evocada no imaginário pela metáfora paterna (LACAN, 1958). Este fracasso da metáfora faz com que ele não consiga perceber o falo como objeto de uma metonímia e que ele sinta sua posição fálica em relação ao Outro como a incapacidade de simbolizar este significante.

2. A EXPERIÊNCIA MÍSTICA COMO SUPLÊNCIA À FORCLUSÃO DO NOME

Quando a dinâmica do desejo é impedida, o sujeito pode autorizar-se de um outro, de seu sintoma, de seu fantasma ou de seu inconsciente. Resta saber: como?

F. Kafka pode, enfim, realizar sua travessia da letra em direção à carne graças ao encontro com a jovem e bela Dora Diamant. Encontramos esse mesmo processo em Y. Mishima (1993). F. Kafka pensa que Dora detém o tesouro do judaísmo que seu pai não o transmitiu em determinado momento de sua vida em que ele pensa também que a religião pode substituir o pai. A relação de Dora com Deus introduz entre eles um terceiro que triangula também o desejo entre pai e filho?

Não é raro que, na adolescência, a sexualidade suscite uma angústia importante de despersonalização e

uma reflexão mística. O sentimento de ser desqualificado pode levar o sujeito a encontrar sua salvação graças à culpa e à função de diferenciação (BROUSSELLE, 2008). Esta culpa não é, em um primeiro momento, sexual, mas pode tornar-se.

A religião conduz em direção ao pai, mesmo que ele não seja real. Além disso, a atribuição da procriação ao pai é o efeito de um puro significante, evocado pela religião como sendo o Nome-do-Pai (LACAN, 1958). F. Kafka poderia desfrutar deste significante primordial recalcado em Dora e se referir ao Outro do Outro (seu inconsciente) que J. Lacan colocava até então como sendo fundamental para o funcionamento psíquico?

F. Kafka tem uma relação ambivalente com seu pai, que é ao mesmo tempo admirado e temido. Com a ajuda de Dora, ele desloca esta relação paradoxal com Deus, pai ao mesmo tempo morto e vivo. De acordo com Ph. Gutton, “a estratégia mística reside na escolha do Outro com o qual se efetua a divisão, Outro que respeita (justifica, talvez defenda) a lógica do paradoxo tal qual” (GUTTON, 2008, p. 72). Dora é esta dupla parceira, garantia de uma ilusão, mas que também está em posição terceira e então permitindo à adolescência de F. Kafka se realizar. A experiência é dividida e divisível.

A encarnação de um Outro não é, porém, neutra. Ela é susceptível de passivar o sujeito. O processo de transferência escolhe, apropriadamente, um encarnado desencarnado que permite ao estado paradoxal uma inversão emocional em seu contrário, do ódio ao amor, e um retorno da passivação de uma relação dual a favor de uma triangulação ativa, em direção ao outro. Segundo S. Mijolla, o amor místico tem esta capacidade de “ao mesmo tempo, transcender e reforçar o narcisismo que não se define mais no fechamento, mas na abertura ao outro” (MIJOLLA, 2008, p. 175).

É autorizando-se pela religião que F. Kafka tem acesso ao corpo de Dora. Não somente a relação de carne torna-se possível, mas igualmente sua tão desejada separação de Praga e de sua família para morar em Berlim. A referência a Deus abre, daqui para frente, uma nova questão colocada por A. Brousselle: “Quem é este Deus a quem devemos garantir sobre sua criação, a quem é preciso confirmar repetitivamente que ele é o Único?” (BROUSSELLE, 2008, p. 136).

3. A INSCRIÇÃO OU NÃO NA FUNÇÃO FÁLICA

A ideia de ser Único nos leva um pouco mais longe no ensino de J. Lacan, segundo o qual, nos anos 70, a sexualidade genital depende da inscrição do sujeito na função fálica. A função fálica se articula à exceção mencionada no mito *Totem e Tabu* (FREUD, 1913). A saber, que existe ao menos Um que não é submetido à castração, o pai da horda primitiva gozador de todas as mulheres antes que seus filhos o matem. A culpa do filho erige o Nome-do-Pai ao ranque de totem e faz do pai morto alguém mais poderoso do que ele era enquanto estava vivo. Com efeito, os filhos se interditam o incesto e acedem, pelo mesmo viés, ao gozo fálico. “Que o pai morto seja o gozo” (LACAN, 1969-1970): é este impossível que faz do pai um mito do Real. No seminário *Ainda* (1972-1973) e em *O aturdido* (1973), J. Lacan se apoia sobre esta exceção paterna para escrever em termos lógicos as diferentes formas de se inscrever na função fálica.

Para escrever a inscrição masculina na função fálica, J. Lacan dialetiza o complexo paterno com a lógica aris-totélica do universal, do “todo”. Ele estima que uma contradição é necessária entre, de um lado, a existência de um ponto de exceção à função fálica, o pai, e, de outro, a regra do universal fálico que faz o homem. O sujeito faz parte do conjunto de homens sob a condição de aceitar, no princípio mesmo de sua castração, este ao menos um, a exceção paterna à lei fálica: “Não existe virilidade que a castração não consagre” (LACAN, 1960, p. 733).

Para escrever a inscrição feminina na função fálica, J. Lacan dialetiza desta vez a lógica do particular e o conceito do “não-todo”, no qual um certo tipo de negação é colocado sobre o todo. O feminino se serve da referência fálica somente em parte, o que dá uma característica inédita a este gozo “não-todo” fálico. Como a referência fálica é contingente sem ser necessária, uma alternância pode acontecer entre uma parte do gozo regulada pelo falo em uma lógica do todo e uma parte “louca” não regulada pelo Édipo (MÉNARD, p. 136).

Assim, o desejo masculino se inscreve no universal, no “todo” do gozo fálico, enquanto o desejo feminino se refere à castração, ao mesmo tempo em que tem acesso a um gozo “não-todo” fálico, que é também Outro. Isto pode ser ilustrado no sonho de uma paciente que dirige seu carro até o momento em que ela percebe que não tem carteira de motorista. No momento em que ela toma consciência de que ela não tem a carteira na bolsa para se autorizar a dirigir, ela perde todo o controle de seu ato.

O tipo de inscrição na função fálica depende, então, da forma como o sujeito se refere à exceção paterna e à falta assim que ele se engaja sexualmente na relação com o outro. Se ele não é marcado pela falta, o gozo sexual pode reatualizar outro tipo de gozo que esvazia, e no qual o nome não ata a estrutura do ser pronta para se deslocar. Chegamos aqui com J. Lacan à distinção entre o gozo feminino “não-todo” fálico, que se refere em parte ao pai, e o gozo feminino da psicose.

Sublinhamos que a constituição de um conjunto de elementos submetidos à função fálica depende da inscrição de um ponto de exceção a esta regra. Ora, é o lugar do Pai que não está posto na psicose. A ausência da divisão subjetiva favorece um gozo que não é de jeito nenhum fálico, do tipo “tudo ou nada” e que se expressa pelo viés de um *empuxo-à-mulher* “sardônico”. Segundo G. Morel, “o empuxo-à-mulher não é somente uma interpretação do gozo; pela sua característica de exigência perpétua de uma satisfação, ela foi imputada ao Outro, ela aparece também como uma tendência da pulsão específica da psicose” (MOREL, 2000, p. 251). Quais são os possíveis destinos do sujeito em face deste gozo?

4. A PROSTITUIÇÃO FACE AO EMPUXO-À-MULHER

Alguns adolescentes sofrem as consequências de não estarem inscritos na função fálica e fracassam ao passar ao ato sexual.

Entre eles, citemos Moritz, da famosa peça de teatro de F. Wedekind, *O despertar da primavera* (1891). Este adolescente não encontra um “modo de fazer” para seu corpo no campo das palavras e permanece perplexo diante da relação do sentido com o gozo. S. Freud dirá, em uma conferência sobre esta peça, que a mulher sem cabeça fantasiada por Moritz é tão anônima quanto ele que, por causa deste encontro, se vê igualmente sem cabeça. Além disso, Moritz vai preferir a morte ao amor de uma mulher: “o suicídio é o ápice do auto-erotismo negativo”¹ (FREUD, p. 104). No prefácio a este drama, J. Lacan nota que Moritz chega também a se fazer exceção, ex-sistir, e que isso só é concebível no reino da morte onde os não-tolos erram.

Outros adolescentes procuram, antes, se opor ao *empuxo-à-mulher*. Relembremos D.-P. Schreber (1903), para quem a forclusão do falo suscita uma feminização por etapas contrariada por um protesto viril, ainda que isso seja em vão. Existe uma maneira de resolver este paradoxo que seja suficiente para passar ao ato sexual?

Passando pelo significado do gozo ao significante mestre do discurso sobre o sexo, o falo obtém seu valor universal. Este “erro comum” (LACAN, 1971-72), dividido, ordena duas inscrições possíveis na função fálica e elas são mais ou menos correlatas às opções de identificação sexuada, homem ou mulher, determinadas no momento do processo de sexuação.

O processo de sexuação é marcado por três tempos lógicos. O primeiro é o tempo da diferença anatômica dos sexos, que é um real místico. Com efeito, ele só ganha valor no segundo tempo, o do discurso sexual, que interpreta os dados com a ajuda dos significantes de critérios fálcos e que categoriza a diferença sexual. Enfim, o terceiro tempo é o da escolha do sexo pelo sujeito, caso ele aceite a função do gozo fálico universal e não totalizante no Um.

Uma forclusão no último tempo do processo permite ao sujeito ser habitado pelo significado fálico, passivamente, sem ter, entretanto, anuído subjetivamente à significação fálica. Atendemos alguns destes adolescentes, que vêm buscar com o analista um “modo de fazer” a uma prática sexuada de seu corpo ao mesmo tempo em que cultivam uma imagem fálica no laço social. Um destes adolescentes diz se encontrar neste tipo de impasse toda vez que ele dança com uma menina em boates e que, ao se aproximar dela, vê um “branco” no lugar de seu sexo. Apesar da identificação masculina às funções de poder, e às vezes até à megalomania, isso não é suficiente para garantir-lhe o uso de sua virilidade. Ele testemunha a presença de certo saber inconsciente quando ele diz que seu pai é responsável por isso, pois ele nunca ocupou seu lugar de pai o suficiente para permitir-lhe este uso de seu corpo. O pai é um homem de alto nível social com grandes responsabilidades, enquanto a mãe teria sido onipresente durante sua infância. Ainda que o casal vivesse um amor sexualizado, o adolescente não se autoriza a partir de seu nome. O pai não conseguiu surpreendê-lo. J. Lacan fala também do pai como sendo aquele que deve surpreender a família e se há uma “crise” do *pater familias*, “se ele não surpreende mais a família, naturalmente... se encontrará melhor... há sempre um que surpreenderá a família” (LACAN, 1971-72, p. 208).

Como um sujeito que não se apropriou do significante fálico pode se inventar uma sexualidade inédita? Para este jovem, a relação amorosa suscita uma alucinação negativa de seu sexo, isto é, o retorno no real da ausência de castração simbólica de seu ser narcísico. Mas ele será capaz de encontrar o uso de uma virilidade com prostitutas. Nestas circunstâncias, não se coloca a questão de sua subjetividade e de sua responsabilidade de sujeito em seu ato. A prova da virilidade continua sem amanhã, o que evacua a questão da dívida simbólica (SAFOUAN; HOFFMANN, 2015), em que se trata de assumir a castração.

5. FOBIA E CASTRAÇÃO

Não existiriam também situações nas quais o processo de validação do Nome-do-Pai estaria em suspenso? O sujeito é, primeiramente, o falo do Outro e permanece na psicose. Mas, às vezes, o sujeito adolescente se

¹ Intervenção de Freud sobre o *Despertar da primavera* para a Sociedade Psicológica de Quarta-feira, em Viena, 1907, p. 107.

situa em uma encruzilhada estrutural. Segundo J. Lacan, no seminário sobre *A identificação* (1961-62), o sujeito que chega ao estágio fálico não concebe o pênis mais fálico que o seio materno. O pênis ocupa este mesmo lugar sobre a função simbólica onde estava o seio. Ora, o sujeito se faz fálico, pois este órgão é ameaçado.

Segundo J. Lacan é a função significante do falo que ameaça o pênis real de castração. Em seguida, a angústia correspondente eleva o pênis ao ranque de falo. O que acontece quando a intervenção do pai é frágil? Às vezes, é a postura fóbica, palco de diferentes rupturas, que pode ter por função a suplência ao pai, cuja carência na castração suscita uma angústia ainda mais forte.

O seminário *A relação de objeto e as estruturas freudianas* (1956-57) fala sobre o jovem paciente de S. Freud, Hans, a quem falta uma suplência à “carência do pai imaginário, do pai verdadeiramente castrador” (LACAN, 1956-1957, p. 364), isto é, a este pai que se obstina a não querer castrá-lo. Com efeito, se o pai não ameaça o pênis real, ele não dá ao sujeito a possibilidade de não suportá-lo de outra forma senão pela suplência fóbica. Assim era para Hans esta “encruzilhada e vemos aqui se desenhar o modo de suplência pelo qual alguma coisa vai poder ser ultrapassada da situação primitiva de pura ameaça de devoração total pela mãe” (LACAN, 1956-1957, p. 366).

Assim que o período de latência instaurou uma dialética conflituosa entre o Eu ideal, herdeiro do poder materno, e o Ideal do eu, supereu integrado positivamente como projeto, a fobia é uma solução subjetiva para reforçar o recalamento do desejo do Outro e a intervenção do pai. Elevando o objeto fóbico a totem, o adolescente pode escapar ao gozo materno.

Um paralelo interessante com os “transtornos da indistinção” foi estabelecido por M. Bousseyroux (2011). Segundo ele, a ausência de efeitos de nominação para ligar os três registros – Imaginário, Real e Simbólico – fragiliza a relação do sujeito com a realidade. O agenciamento dos registros pode então regredir a um nível pré-borromeano em que todos se confundem. Assim se forma o nó de trevo na paranoia. Da mesma maneira, o objeto fóbico na neurose reforça de fora o perseguidor que protege o sujeito de um gozo não circunscrito. Acontece que, na neurose, a estrutura do ser falante é “capitonada” pelo sintoma que é também o sinthoma (LACAN, 1975-76).

6. O QUESTIONAMENTO DO NOME

O que está em jogo na resposta fóbica para a questão do Nome-do-Pai em suspenso? Sabemos que há uma articulação entre a teoria do gozo de J. Lacan e sua teoria do desejo em que a falta ocupa um lugar central. É no centro da relação com a castração que se introduz “a falta, a falha, o desejo” (LACAN, 1971-1972, p. 207-208) conceitualizado por J. Lacan sob o nome de objeto *a*. O desejo pode se aliar ao gozo porque “a castração quer dizer que tudo deixa a desejar” (*idem*, p. 208). Podemos reformular a frase assim: tudo deixa a desejar com a condição de que a castração introduza a falta no gozo.

Tomemos como exemplo um adolescente que decidiu, após anos de terapia e de relação de coléra com corpo – o que é frequente nestes casos –, tomar uma decisão arriscada. Ele se autorizou a quê? Havia outra coisa em sua vida que parecia fora do alcance para ele, e esta outra coisa era passar no vestibular. Uma vez tendo passado, o resto continuou. É verdade que passar em uma prova está atrelado a uma lista na qual se trata de encontrar seu nome escrito. É neste nome que, para este adolescente, a conquista estava realmente inscrita. Foi possível a ele em seguida servir-se disso e autorizar-se à sexualidade.

Em resumo, autorizar-se do Nome-do-Pai para se servir de seu sexo significa que cada um e cada uma devem autorizar-se da castração, de uma relação identificatória ao falo e aceitar assumir a falta no cerne do seu ser. Autoriza-se a um desejo que ultrapassa o narcisismo pagando sua dívida de estar em rivalidade com o Um. O falo torna-se o símbolo de uma falta ao preço de uma renúncia ao narcisismo da imagem fálica. Graças à falta, o sujeito torna-se desejante e pode se autorizar deste desejo sem forçosamente ser submetido à ameaça ou à angústia da castração. Ele pode se autorizar de seu “ser-para-o-sexo” (LACAN, 1968, p. 35), de si mesmo e de alguns outros (LACAN, 1973-74) que estão no “não-todo”.

Para nosso paciente, a realização do ato sexual tão esperado e tão marcado por um impossível durante anos se solidificou em um sentimento depressivo que se traduziu por um “ah, é só isso!”. Isso é porque a relação sexual não existe, isto é, há uma falta no gozo, uma insatisfação que deixa a desejar. S. Freud já tinha notado, em *Mal-estar na civilização* (1929) que resta uma insatisfação na relação sexual que impede a felicidade do Um.

Ora, não ter ou não ser alguma coisa não impede de querer dá-lo, ou de fazer semblante de sê-lo. Bem ao contrário. É aí mesmo que, segundo J. Lacan, intervém o amor: “É do que se trata para o homem de acordo com a definição de amor, dar o que não se tem, é dar o que ele não tem, o falo, a um ser que não o é” (LACAN, 1957-58, p. 351).

CONCLUSÃO

Quando as fórmulas da língua materna definem o falo, elas mostram a que ponto desliza o verbo ser: “ele não é sem o ter” ou “a mulher é sem tê-lo” (LACAN, 1960-61, p. 279). Isto é verdadeiro, sobretudo, no jogo amoroso neurótico. Às vezes, porém, o sujeito é realmente o falo do Outro, caso não tenha reconhecido a exceção paterna e caso não tenha inscrito o gozo na função fálica. Como as condições da castração simbólica não são preenchidas, o modo de negação que se aplica ao significante falo pode ter como corolário um semblante do Nome-do-Pai, isto é, o traço de um pai real mais que simbólico.

Como viemos dizer, alguns artifícios podem, entretanto, permitir ao sujeito se engajar na sexualidade e fazer uso do pai que ele havia recusado até então. É assim com o recurso à religião e à prostituição. O processo quase ordálico de questionamento do nome permite a outros pacientes entender que o Nome-do-Pai é eficiente.

Recebido em: 10 de julho de 2019. **Aprovado em:** 31 de julho de 2020.

REFERÊNCIAS

- BOUSSEYROUX, M. *Au risque de la topologie et de la poésie: élargir la psychanalyse*. Toulouse: Éres, 2011.
- BROUSSELLE, A. De la faute à l'extase une stratégie narcissique ? *Adolescence*, 63:131-141, 2008.
- FREUD, S. *Totem et tabou*. (1913) Paris: Payot et Rivages, 2001.
- FREUD, S. *Malaise dans la civilisation* (1929). Paris: Seuil, 2010.
- GUTTON, Ph. Le paradoxe mystique. *Adolescence*, 63:65-88, 2008.
- HOFFMANN, C. Le nouveau Kafka. *Figures de la psychanalyse*, 16:23-30, 2008.
- KAFKA, F. *La lettre au père* (1953). Paris: Folio, 2002.
- KAFKA, F. *Lettres à Milena* (1952). Paris: Gallimard, 1988.
- LACAN, J. Allocution sur les psychoses de l'enfant (1968). In: LACAN, J. *Autres Écrits*. Paris: Le Seuil, 2001.
- LACAN, J. D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose (1958). In: LACAN, J. *Les Écrits*. Paris: Le Seuil.
- LACAN, J. *Encore* (1972-73). Paris: Le Seuil. (Le séminaire, 20)
- LACAN, J. *La relation d'objet et les structures freudiennes* (1956-57). Paris: Le Seuil. (Le séminaire, 4)
- LACAN, J. *L'envers de la psychanalyse* (1969-70). Paris: Le Seuil. (Le séminaire, 17)
- LACAN, J. *Les formations de l'inconscient* (1957-58). Paris: Le Seuil. (Le séminaire, 5)
- LACAN, J. *Le sinthome* (1975-76). Paris: Le Seuil. (Le séminaire, 23)
- LACAN, J. *Les non-dupes errent* (1973-74). Paris: Le Seuil. (Le séminaire, 21)
- LACAN, J. *L'Étourdit*, Scilicet (1973). Paris: Le Seuil.
- LACAN, J. *Le transfert* (1960-61). Paris: Le Seuil. (Le séminaire, 8)
- LACAN, J. *L'identification* (1961-62). Paris: Le Seuil. (Le séminaire, 9)
- LACAN, J. *...ou pire* (1971-72). Paris: Le Seuil. (Le séminaire, 19)
- LACAN, J. Propos directifs pour un Congrès sur la sexualité féminine (1960). In: LACAN, J. *Les Écrits*. Paris: Le Seuil.
- MÉNARD, A. Le pousse-à-la femme dans la psychose. *Les Cahiers Cliniques de Nice*, 06:133-140, 2011.
- DE MIJOLLA-MELLOR, S. La famélique pensée. *Adolescence*, 63:159-176, 2008.
- MISHIMA, Y. *L'école de la chair*. Paris: Gallimard, 1993.
- MOREL, G. *Ambiguïtés sexuelles: sexualité et psychose*. Paris: Anthropos/Économica, 2000.
- RASSIAL, J.-J. *Le Sujet en état limite*. Paris: Denoël, 1999.
- SAFOUAN, M.; HOFFMANN, C. *Questions psychanalytiques*. Paris: Hermann, 2015.
- SCHREBER, D. P. *Mémoires d'un névropathe*. Paris: Le Seuil, 1903.
- WEDEKIND, F. *L'éveil du printemps* (1891). Préface de Jacques Lacan. Paris: Gallimard, 1974.

Laure Westphal

laure_westphal@hotmail.fr

Christian Hoffmann

hoffmann.ch@wanadoo.fr

Traduzido do francês por Fabiana Campos Baptista. Universidade Paris Diderot, Doutora pela Escola Doutoral - Psicopatologia e Psicanálise, Paris, França. fabibap77@hotmail.com